

Mais um livro de interpretação crítica surgiu no mercado literário nacional e para bem da cultura portuguesa é necessário que outros venham, que outras empresas editoriais, seguindo o exemplo da *Editorial Inquérito*, que constitui entre nós uma consoladora excepção — lancem ao público os trabalhos dos nossos melhores críticos responsáveis. O moderno movimento em prol da crítica anuncia que os trabalhadores intelectuais portugueses começam a sair da contemplação lírica e procuram criar responsabilidades de intérpretes e julgadores do movimento literário nacional e estrangeiro. Só por isso vale a pena encorajá-lo, se outras consequências muito mais fecundas lhe não produzisse no marasmo cultural do país.

«António Nobre, precursor da poesia moderna» foi uma conferência pronunciada por Gaspar Simões e divulgada agora ao país inteiro através de um caderno cultural das edições «Inquérito». O caderno vem ampliar o trabalho da conferência, que restava circunscrito aos que foram seus ouvintes. Nada acrescentarei sobre a personalidade de Gaspar Simões para além daquilo que escrevi nas colunas de «O Diabo». Vou entrar *ex abrupto* na apreciação crítica do seu livro. Será uma crítica sumária, embora reconheça que o ensaio de Gaspar Simões, a pesar de constituir uma visão sumária de António Nobre, da sua poesia e do seu papel de precursor do modernismo, merece ser discutido amplamente. Seguirei superficialmente o aspecto geral do livro, só me fixarei no mais essencial.

Simões começa por declarar que a poesia portuguesa poucas influências tem da poesia estrangeira e que os poetas portugueses, que segundo ele leem mal os poetas estrangeiros, o que tem o seu cunho de verdade, são todos ou quasi todos de formação nacional. Ora eu discordo de semelhante opinião, tanto mais formulada em termos absolutos como é do costume de João Gaspar Simões, que quer dizer, mais uma vez Simões generalizou um caso especial. Basta estudar a poesia portuguesa desde as suas origens comparando-a com a poesia dos outros países. As notícias dos movimentos literários e as influências das personalidades de projecção chegamos tardiamente, mas o que acontece com a poesia acontece com tudo. É uma consequência da nossa posição geográfica, da nossa língua de expansão reduzida, do nosso isolamento cultural, da nossa

António Nobre, precursor da poesia moderna

de João Gaspar Simões —
Editorial «Inquérito»

posição de extremo no Jogo geral da Europa, isto é, da dependência e do atraso das super-estruturas ideológicas e da estrutura básica da sociedade portuguesa em relação com o mundo europeu. Todos os nossos grandes poetas foram profundamente influenciados pelas correntes estrangeiras: Camões foi grande para além do seu génio lírico, porque foi um homem da «Renascença», — só a integração do génio camoniano no movimento renascentista podia realizar os «Lusiadas»; e Antero, só foi realmente grande porque remou furiosamente contra o lirismo nacional, faceta essencial da nossa poesia tradicional. Bastaria citar ainda o caso flagrante de Eugénio de Castro e mais modernamente o de José Régio e sobretudo o de Casais Monteiro, que só possui influências da poesia estrangeira.

Claro que a poesia «portuguesa» tem o seu cunho próprio, — mesmo os poetas mais influenciados deixam-no ver. É a nossa manifestação estética mais representativa, bem de ver porque é a mais espontânea. É a melhor medida das possibilidades criadoras do nosso povo, a manifestação artística que dá o nosso índice universal — refiro-me a poesia como género literário — mesmo quando surge representada nos seus valores mais puros e mais alheios aos movimentos estrangeiros, como foi João de Deus e Gil Vicente.

Suponho que a minha posição mais relativa e discreta, é a mais verdadeira, a mais ampla e a mais compreensiva. Começando por discordar da primeira opinião de Simões, encontro-me logo de acordo com ele quando afirma que António Nobre «é o precursor da poesia moderna portuguesa que influência mais activa continua a exercer nela». É pena que Simões não diga porquê, mas um porquê que não fosse uma simples razão formal, mas uma explicação da poesia de Nobre e da poesia moderna em geral no seu destino de super-estrutura ideológica de uma certa época. Mais adiante concordo novamente com Gaspar Simões quando ele diz que foram Garrett e Byron os dois mestres do poeta

do Só, acrescentando esta feliz e subtil observação crítica, que me parece certa e indiscutível: «que ele (refere-se a António Nobre) não os amou como mestres da sua obra, amou-os como mestres de sensibilidade, como afins de espírito, como parentes no gosto e na maneira de ser». Ainda mais concordamos com Simões quando ele escreve o pequeno capítulo «Nobre, Garrett, Byron, Baudelaire» — «o culto anormal da personalidade».

São as melhores páginas do ensaio. Explicam o narcisismo de Nobre, em relação íntima com a sua doença e o seu temperamento feminino. Pena foi que Simões não fosse mais longe no seu estudo, relacionando-o com a posição social do poeta, com a sua época, o seu meio e a sua educação. Em «Nobre e a vontade de poder» e «Saúde, refúgio da angústia metafísica» fala-nos o crítico no isolamento, no egocentrismo, no saudosismo romântico de António Nobre, em toda a sua crise humana e estética. Quanto a mim, Simões não frisou como devia a «atitude» na poesia de Nobre e na sua personalidade. Nobre foi um poeta e um homem de «atitude», que aliada ao seu estranho e poderoso talento verbal, fez dele o mais original e sugestivo dos poetas modernos portugueses. Foi também a «atitude» que concorreu em parte para o transformar num artista absorvente e influente. Com a espontaneidade de Nobre e «o Precursor», título dos últimos capítulos, termina Simões um volume de grande valia para a crítica portuguesa.

Embora não coloque o poeta no tempo e no espaço, não o considere como ser social, sociável e socializador, não explique a razão porque é ele o principal influenciador da poesia moderna portuguesa, lacuna imperdoável para quem intitulou um trabalho: «António Nobre, precursor da poesia moderna». Gaspar Simões escreveu um livro que está à altura do seu nome de crítico responsável. A maioria das lacunas do ensaio derivam do método crítico de Simões: idealismo, esteticismo, exclusivismo literário, formalismo. Tudo isto leva o autor a desprezar muitas e variadas circunstâncias de ordem individual e social que são absolutamente essenciais para o estudo e a compreensão de uma personalidade, de um carácter, de um temperamento, de uma obra e da sua projecção no futuro.

ANTONIO RAMOS DE ALMEIDA

—Passa este ano o centenário de Ribot que, até à sua morte, em 1916, tanto trabalhou para o desenvolvimento da psicologia científica. E' da revista «La Pensée» que extraímos os seguintes períodos:

Ribot teve o grande mérito de trabalhar para o desenvolvimento da psicologia científica em França, na época em que se intensificava a reacção filosófica que pretendia conservar a velha «psicologia introspectiva», continuar a fazer passar a psicologia pelo vestíbulo da metafísica idealista e, duma maneira geral, da mística. A retórica «introspectiva», herdeira da mística da «vida interior», Ribot opôs a investigação de métodos científicos permitindo estudar, em psicologia também, factos reais; contra a psicologia idealista, procurou mostrar a determinação fisiológica da actividade mental.

A reacção idealista nunca perdeu a Ribot o ter querido, de facto, arrancar a mística um novo capítulo do estudo do homem, o ter ensinado a confiança na ciência, na época em que ela lhe fazia o processo. Bergson, em particular, multiplicou os esforços para desacreditar a obra de Ribot. Prêgando o desprezo dos métodos científicos em geral, o bergsonismo ressuscitou as velhas fabulações da «psicologia metafísica».

E' o esforço para a ciência que é fecundo. E' por este esforço que Ribot adquiriu títulos duráveis para o nosso reconhecimento.

—Foi publicada pela N. R. F., com o título *Autant en emporte le vent*, a tradução francesa do famoso livro da escritora americana Margaret Mitchell, cujo título original é *Gone with the wind*, e que faz parte do legado que a «civilização de 1939» deixará aos vindouros, encerrado no torpêdo que foi enterrado no recinto da Exposição Mundial de Nova-York.

—Sobre a *Introduction à la philosophie de l'histoire* (N. R. F.) de Raymond Aron, há tempos publicada, escreveu Petitjean: E' um ensaio sobre os limites da objectividade histórica. O principal interesse desta obra considerável é mostrar em que medida pode a história, enquanto conhecimento do devir humano, ser subordinada à vontade de agir sobre este devir, isto é, à acção histórica. Neste sentido, a tese de Raymond Aron é actualíssima e a primeira no género depois da guerra... A sua crítica extraordinariamente ágil e aguda do evolucionismo francês anterior à guerra e do historicismo alemão posterior, prepara o terreno para uma nova filosofia da história.

—«*Eclaircissements sur Mein Kampf*» (ed. Albin Michel) é o último livro de Benoist Mechin. Um crítico sério disse acerca desta obra o seguinte: «E' difícil pedir a alguém mais competente que Benoist Mechin, autor desta história do exército alemão, segundo opinião unânime uma das mais sólidas obras aparecidas sobre a Alemanha, que nos dê esclarecimentos a respeito do *Mein Kampf*».

—Foi publicado há pouco, na Inglaterra, *Adventures of a Young Man*, o novo livro do grande escritor americano John dos Passos, autor de 1919 (publicado em França pela E. S. I. na colecção «Ciments») — Constable, 9S. 6D.